

**Editorial:**  
**A Carta aos Gálatas: influxo na formação do  
Novo Testamento e atualidade da sua mensagem**

*Editorial:*  
*The Letter to the Galatians: influence in the formation of  
the New Testament and the relevance of its message*

*Waldecir Gonzaga*

“O homem não é justificado pelas obras da Lei,  
mas pela fé em Jesus Cristo” (Gl 2,16)

O Dossiê deste número versa sobre a Carta de Paulo aos Gálatas. Ter um Dossiê sobre esta carta paulina, é, sem dúvida, uma ocasião para colaborar com a academia e com a pastoral ao mesmo tempo, visto seus impactos na Teologia e no diálogo ecumênico. As tradições cristãs sempre a tiveram em grande estima. Muitos foram os comentários escritos sobre ela ou sobre perícopes da mesma, separadamente. A isso, soma-se o fato de que a Igreja Católica, por meio da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), para o mês da Bíblia de 2021 (setembro), a traz como objeto de estudo, reflexão e oração.

Embora já tenhamos muitos comentários e publicações acerca da Carta aos Gálatas, especialmente por meio de livros e artigos, é sempre possível visitar este escrito paulino, tido entre as cartas de maior grandeza do “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13). Mais que isso, é um prazer e uma alegria. Facilita o fato de que a Carta aos Gálatas é tida como um escrito autenticamente paulino, entre as sete cartas que Paulo mesmo escreveu às suas comunidades, por católicos, ortodoxos e protestantes.

O epistolário paulino, ou *corpus paulinum*, como costumamos chamar, conta com 13 cartas atribuídas a Paulo, sendo que: a) sete cartas são tidas pela

maioria dos estudiosos como autenticamente paulinas ou *protopaulinas* (Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, 1 Tessalonicenses, Filipenses e Filemon); b) três cartas são tidas como de autenticidade paulina duvidosa e são chamados de cartas *deuteropaulinas* (Efésios, Colossenses e 2 Tessalonicenses; e c) três cartas são tidas pela maioria dos estudiosos como escritos pseudônimos ou de atribuição paulina, que não são autenticamente paulinos, chamados de cartas *Pastorais* (1 e 2 Timóteo e Tito). Até meados do século XX se tinha em conta que a Carta aos Hebreus também possuía atribuição paulina. Hoje, a maioria dos estudiosos e comentadores já considera que Hebreus não é paulina, embora muitos, ao falarem desta realidade, citem “Cartas paulinas e Hebreus”.

Pelo seu estilo e conteúdo, a Carta aos Gálatas, ao longo dos séculos, recebeu o título de a “Magna Carta da Liberdade Cristã”, a “Declaração da Independência Cristã”, “o grito de guerra da Reforma”, entre outros tantos, para expressar um grito pela liberdade dos seguidores de Cristo diante de tudo aquilo que é secundário para a salvação e um voltar apenas para aquilo que é fundamental, a saber: a gratuidade da Cruz de Cristo, que, por pura graça nos liberta de todo pecado e nos concede a vida nova (Gl 2,15-21). De fato, em nenhuma outra carta Paulo denunciou com tanta clareza os perigos do legalismo e do apego às obras da lei mosaica como critério salvífico, nem exaltou a glória da Cruz e a liberdade dos seguidores de Cristo, como na carta ao Gálatas.

A maioria dos estudiosos admite que Paulo escreveu a carta aos Gálatas entre os anos 54-57 d.C., desde Éfeso, durante a permanência de Paulo na mesma, após ter deixado a Galácia (At 18,23; 19,1.10), quando recebeu notícias alarmantes das comunidades por ele fundadas na Galácia propriamente dita (Galácia do Norte), destinatários de sua carta. Chegam a ele notícias de que os gálatas estão se deixando levar “por outro evangelho” (Gl 1,6) e não pela “verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14). A aceitação de Éfeso como local da escrita desta carta resolve uma séria de dificuldades apresentadas pelas outras opções. Aliás, poucos autores colocaram em dúvida a autoria da carta aos Gálatas no passado e goza do mesmo prestígio nos tempos hodiernos. Ela está presente na maioria dos *Manuscritos* antigos, como nos códices Vaticano, Sinaitico e Alexandriano, mas está presente inclusive no  $\varphi^{46}$  e no  $\varphi^{51}$ . Ela resistiu às críticas de Marcião (século II), ao País da Reforma Protestante (século XVI) e às críticas da escola de Tübingen, encabeçada por F. C. Baur, no início do século XIX. Isso só colabora para afirmar que a carta aos Gálatas realmente é

uma das cartas mais evidentemente paulinas e uma das cartas menos contestadas também nos dias atuais.

Como é comum em Paulo, a carta aos Gálatas não é fruto de questões teóricas. Antes, ela nasce e se desenvolve a partir das necessidades pastorais que o apóstolo estava enfrentando naquele momento. O estopim se deu a partir do momento em que um grupo de cristãos das igrejas paulinas da Galácia passou a enfrentar alguns problemas concretos no tocante ao essencial em vista da salvação em Cristo Jesus e porque o próprio Paulo, em vista dessa situação, gerada por este grupo, percebeu a urgente necessidade de definir uma linha mestra de orientação para a Igreja nascente junto aos gentios, indicando o que era *conditio sine qua non* e indispensável para a salvação (a fé em Cristo Jesus) e o que era secundário e dispensável (as obras da lei). O que se encontra em jogo entre os gálatas é: a salvação provém do esforço humano (observância da Lei Mosaica) ou é dom de Deus (fé em Jesus Cristo)? Paulo, em momento algum hesita em afirmar que ela “provém da fé”, fruto do abandono irrestrito nas mãos Deus, e não das “obras da Lei” (2,16), como se fosse fruto do esforço humano.

A carta aos Gálatas revela seu autor como sendo um homem profundamente humano: ele é capaz de espantar-se diante da apostasia dos gálatas, afastando-se do verdadeiro Evangelho (Gl 1,6); de mostrar-se decepcionado com eles e temer que seu trabalho entre eles tenha sido em vão (Gl 4,11); usa de clareza ao falar e ao escrever a seus leitores; a quem anuncia “um outro evangelho” não hesita em dirigir anátemas (Gl 1,9), aos quais ele chama de “falsos irmãos” e que querem impor um estilo de vida judaica a todos como sendo o critério salvífico (Gl 2); prima-se pela coerência de vida (Gl 2,14); mostra-se rude e decidido no falar contra seus adversários, não usa de rodeios e vai logo ao assunto (Gl 2,11-14; 3,1-3) etc. É capaz de revelar aspectos de sua vida pessoal, como sua enfermidade (Gl 4,13); sabe ser grato aos membros das igrejas da Galácia pelo bem recebido dos mesmos (Gl 4,14-15). O carinho de Paulo pelas igrejas da Galácia, por ele fundadas em meio aos gentios, era tamanho que ele as tinha, antes das divergências aí surgidas, como um *locus* onde imperavam a caridade e a paz nas comunidades cristãs, conturbadas pela chegada dos “falsos irmãos” (Gl 2,4).

Ao ler a carta aos Gálatas, de imediato, constatamos que a crise dessas igrejas paulinas foi um fenômeno induzido, causado por pessoas vindas de fora da comunidade, que pregavam a necessidade da lei mosaica, especialmente da circuncisão e dos rituais de pureza, como sendo necessários para a salvação em

Cristo. Paulo não apresenta a identidade desses “falsos irmãos” (Gl 2,4), deixando a entender que eram como que agitadores ou opositores anônimos. Segundo a carta, eles são perturbadores dos fiéis (1,7; 5,10), elementos que instigam e sublevam (Gl 5,12), usam das artes enganadoras da magia para tapear o povo (Gl 3,1), procuram forçar os gálatas à circuncisão (Gl 6,12), subvertem o Evangelho de Cristo e impedem que os fiéis se convertam à verdadeira mensagem cristã (Gl 1,7; 5,7), usam artimanhas e ataques à pessoa do Apóstolo, tentando denegrir sua imagem (Gl 4,17), são mal intencionados (Gl 4,17), gloriam-se nas obras da carne (Gl 6,13), aos olhos de Paulo, são heréticos e por isso merecem a condenação (5,10), por anunciarem um “outro evangelho”, que não o de Jesus Cristo, são malditos (Gl 1,9).

Quando olhamos para a estrutura e o conteúdo da Carta aos Gálatas podemos dividi-la em três seções: A (1,1-2,21), B (3,1-4,31) e C (5,1-6,18) e quinze sequências, cinco em cada uma das seções, contando ainda com uma introdução (1,1-5) e uma conclusão (6,11-18), como que emoldurando a carta, embora o apóstolo não apresente as habituais saudações finais que temos em suas cartas. Com essa visão mais geral de toda a Carta aos Gálatas temos condições de perceber o conjunto e o valor desta carta paulina, para a Teologia-Bíblica e para a vida da Igreja, chamada a viver segundo “a verdade do Evangelho” (Gl 2,5.10) e “na liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1).

Se poder contar com uma revista voltada para pesquisas bíblicas, alocada no PPG em Teologia da PUC-Rio, voltada para a Área, já é uma grande alegria, esta se torna maior ainda quando nos deparamos com um Dossiê que traz como temática a Carta aos Gálatas, que pode ser lida a partir de várias facetas, como podemos ver nas colaborações aqui neste número.

*Alea iacta est!* Vida longa à ReBiblica, com boas publicações e ótimas leituras! Parabéns ao PPG Teo PUC-Rio por esta iniciativa em alocar a ReBiblica na PUC-Rio e à Área pelo excelente espaço para publicações. Enfim, trabalhem na tentativa de trilhar os *caminhos* da estrada feita por Paulo Apóstolo em busca da “verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14), como ele mesmo nos indica nesta sua carta, que a muitos encantou e continua a encantar.

**Waldecir Gonzaga**

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontificia Università Gregoriana



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021v2n3p4

Docente de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
E-mail: waldecir@puc-rio.br